



DIÁRIO



PORTE
PAGO

da Assembleia da República

IV LEGISLATURA

2.ª SESSÃO LEGISLATIVA (1986-1987)

REUNIÃO PLENÁRIA DE 7 DE ABRIL DE 1987

(SESSÃO SOLENE DE BOAS-VINDAS A S. EX.ª O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA)

Presidente: Ex.^{mo} Sr. Fernando Monteiro do Amaral

Secretários: Ex.^{mos} Srs. Reinaldo Alberto Ramos Gomes

José Carlos Pinto B. Mota Torres

Rui de Sá e Cunha

José Manuel Maia Nunes de Almeida

SUMÁRIO. — O Sr. Presidente declarou aberta a sessão às 15 horas e 25 minutos.

Na primeira parte da ordem do dia, foi lido um ofício do deputado Amândio de Azevedo (PSD) apresentando a renúncia ao seu mandato por ter nomeado Chefe da Missão da Comunidade Europeia em Brasília.

Em sessão solene de boas-vindas a S. Ex.ª o Presidente da República Francesa, François Mitterrand usaram da palavra o Sr. Presidente da Assembleia da República e o Sr. Presidente da República Francesa.

O Sr. Presidente encerrou a sessão eram 17 horas e 40 minutos.

O Sr. Presidente: — Srs. Deputados, temos quórum, pelo que considero aberta a sessão.

Eram 15 horas e 25 minutos.

Estavam presentes os seguintes Srs. Deputados:

Partido Social Democrata (PPD/PSD):

Abílio Mesquita Araújo Guedes
Adérito Manuel Soares Campos
Alberto Monteiro Araújo
Álvaro Barros Marques de Figueiredo
Amadeu Vasconcelos Matias
Amândio Santa Cruz Basto Oliveira
António d'Orey Capucho
António Joaquim Bastos Marques Mendes
António Jorge de Figueiredo Lopes
António Manuel Lopes Tavares
António Paulo Pereira Coelho
António Roleira Marinho
António Sérgio Barbosa de Azevedo
Arlindo da Silva André Moreira
Arménio dos Santos.

Arnaldo Ângelo Brito Lhamas
Aurora Margarida Borges de Carvalho.
Belarmino Henriques Correia.
Cândido Alberto Alencastre Pereira.
Carlos Miguel M. Almeida Coelho.
Cecília Pita Catarino.
Cristóvão Guerreiro Norte.
Daniel Abílio Ferreira Bastos.
Dinah Serrão Alhandra.
Domingos Duarte Lima.
Domingos Silva e Sousa.
Fernando Barata Rocha.
Fernando Dias de Carvalho Conceição.
Fernando José Alves Figueiredo.
Fernando Manuel Cardoso Ferreira.
Fernando Monteiro do Amaral.
Francisco Hermínio Pires dos Santos.
Francisco Jardim Ramos.
Gundo Orlando de Freitas Rodrigues.
Henrique Rodrigues Mata.
Jaime Carlos Marta Soares.
João Álvaro Poças Santos.
João Luís Malato Correia.
João Manuel Nunes do Valle.
João Maria Ferreira Teixeira.
Joaquim Carneiro de Barros Domingues.
Joaquim Eduardo Gomes.
Joaquim da Silva Martins.
José de Almeida Cesário.
José Ângelo Ferreira Correia.
José Augusto Limão de Andrade.
José Augusto Santos Silva Marques.
José Francisco Amaral.
José Guilherme Coelho dos Reis.

José Júlio Vieira Mesquita
 José Luís Bonifácio Ramos
 José Manuel Rodrigues Casqueiro.
 José Maria Peixoto Coutinho.
 José Mendes Bota
 José Mendes Melo Alves.
 José Olavo Rodrigues da Silva.
 José de Vargas Bulcão
 Licínio Moreira da Silva
 Luís António Damásio Capoulas.
 Luís António Martins
 Luís Jorge Cabral Tavares de Lima.
 Luís Manuel Costa Geraldès.
 Luís Manuel Neves Rodrigues
 Manuel Crucho Esteves Robalo
 Manuel Ferreira Martins
 Manuel Joaquim Dias Loureiro
 Manuel Maria Moreira.
 Maria Antonieta Cardoso Moniz.
 Mário Jorge Belo Maciel
 Mário de Oliveira Mendes dos Santos
 Miguel Fernando Miranda Relvas.
 Remaldo Alberto Ramos Gomes.
 Rui Alberto Limpo Salvada
 Rui Manuel Parente Chancerelle de Machete.
 Valdemar Cardoso Alves
 Vasco Francisco Aguiar Miguel.
 Virgílio de Oliveira Carneiro
 Vítor Pereira Crespo.

Partido Socialista (PS)

Agostinho de Jesus Domingues
 Alberto Manuel Avelino
 Alberto Marques de Oliveira e Silva.
 Aloísio Fernando Macedo Fonseca
 Américo Albino Silva Salteiro
 António de Almeida Santos
 António Cândido Miranda Macedo
 António Carlos Ribeiro Campos.
 António Frederico Vieira de Moura
 António Manuel Azevedo Gomes
 António Miguel Morais Barreto.
 António José Martins Seguro.
 António Magalhães Silva
 António Manuel de Oliveira Guterres
 António Poppe Lopes Cardoso
 Armando António Martins Vara
 Armando dos Santos Lopes
 Carlos Alberto Raposo Santana Maia
 Carlos Cardoso Lage
 Carlos Manuel Luís
 Carlos Manuel N. Costa Candal
 Carlos Manuel G. Pereira Pinto
 Eduardo Ribeiro Pereira
 Ferdinando Lourenço Gouveia
 Fernando Henriques Lopes
 Francisco Manuel Marcelo Curto.
 Helena Torres Marques
 Hermínio da Palma Inácio
 João Cardona Gomes Cravinho
 João Eduardo Coelho Ferraz de Abreu.
 Jorge Lação Costa.
 José de Almeida Valente
 José Apolinário Nunes Portada
 José Augusto Fillof Guimarães
 José Carlos Pinto B. Mota Torres.

José dos Santos Gonçalves Frazão.
 Luís Silvério Gonçalves Sarais
 Manuel Alegre de Melo Duarte.
 Manuel Alfredo Tito de Moraes.
 Mário Augusto Sottomayor Leal Cardia
 Mário Manuel Cal Brandão.
 Raul da Assunção Pimenta Rego.
 Raul Manuel Gouveia Bordalo Junqueiro
 Rui Fernando Pereira Mateus.
 Rui do Nascimento Rabaça Vieira.
 Victor Hugo de Jesus Sequeira.
 Victor Manuel Caio Roque.

Partido Renovador Democrático (PRD)

Agostinho Correia de Sousa
 Alexandre Manuel da Fonseca Leite.
 Ana da Graça Gonçalves Antunes.
 António Alves Marques Júnior.
 António Eduardo de Sousa Pereira.
 António João Percheiro dos Santos
 António Lopes Marques.
 António Magalhães de Barros Feu
 Carlos Alberto Narciso Martins
 Carlos Alberto Rodrigues Matias.
 Carlos Artur Trindade Sá Furtado
 Carlos Joaquim de Carvalho Ganopa.
 Fernando Dias de Carvalho
 Francisco Amândo Fernandes
 Francisco Barbosa da Costa
 Hermínio Paiva Fernandes Martinho
 Ivo Jorge de Almeida dos Santos Pinho
 Jaime Manuel Coutinho da Silva Ramos
 Joaquim Jorge Magalhães Mota
 José Alberto Paiva Seabra Rosa
 José Carlos Torres Matos Vasconcelos.
 José Carlos Pereira Lilala.
 José Emanuel Corujo Lopes.
 José Fernando Pinho da Silva
 José da Silva Lopes
 José Rodrigo C. da Costa Carvalho
 José Torcato Dias Ferreira
 Manuel Ferreira Coelho.
 Maria Cristina Albuquerque.
 Paulo Manuel C. Guedes de Campos
 Rui José dos Santos Silva
 Rui de Sá e Cunha
 Vasco da Gama Lopes Fernandes.
 Vasco Pinto da Silva Marques
 Vitorino da Silva Costa
 Victor Manuel Avila da Silva
 Victor Manuel Lopes Vieira

Partido Comunista Português (PCP):

Álvaro Fava. Brasileiro
 António Anselmo Aníbal
 António Dias Lourenço da Silva.
 António da Silva Mota
 António Manuel da Silva Osório
 Belchior Alves Pereira.
 Bento Aniceo Calado.
 Carlos Alberto do Vale Gomes Carvalhas.
 Carlos Alfredo de Brito
 Carlo Campos Rodrigues Costa.
 Carlo Manuel
 Cláudio José Santos Percheiro.

Custódio Jacinto Gingão.
 Domingos Abrantes Ferreira.
 Jerónimo Carvalho de Sousa.
 Joaquim Gomes dos Santos.
 Jorge Manuel Abreu de Lemos.
 Jorge Manuel Lamproia Patrício.
 José Estêvão Correia da Cruz.
 José Manuel Santos Magalhães.
 José Manuel Maia Nunes de Almeida.
 José Rodrigues Vitoriano.
 Luís Manuel Loureiro Roque.
 Manuel Rogério de Sousa Brito.
 Maria Alda Barbosa Nogueira.
 Maria Ilda da Costa Figueiredo.
 Maria Odete dos Santos.
 Octávio Augusto Teixeira.
 Rogério Paulo Sardinha de S. Morcira.

Centro Democrático Social (CDS):

Abel Augusto Gomes de Almeida.
 Adriano José Alves Morcira.
 António Alberto Vieira Dias.
 António José Tomás Gomes de Pinho.
 António Filipe Neiva Correia.
 Francisco António Oliveira Teixeira.
 Henrique José Pereira de Moraes.
 Horácio Alves Marçal.
 José Luís Nogueira de Brito.
 José Maria Andrade Pereira.
 Manuel Alberto Sá do Rio.
 Pedro José del Negro Feist.

Movimento Democrático Português (MDP/CDE):

João Cerveira Corregedor da Fonseca.
 José Manuel do Carmo Tengarrinha.

Deputados Independentes:

Gonçalo Pereira Ribeiro Teles.
 Maria Amélia Mota Santos.
 Rui Manuel Oliveira Costa.

O Sr. Presidente: — Srs. Deputados, o Sr. Secretário vai ler um ofício.

O Sr. Secretário (Maia Nunes de Almeida) — O ofício enviado a S. Ex.^a o Sr. Presidente da Assembleia da República é do seguinte teor:

O facto de ter sido nomeado Chefe da Missão da Comunidade Europeia em Brasília impede-me de exercer as minhas funções de deputado.

Assim, nos termos do artigo 7.º do Estatuto dos Deputados e do artigo 3.º do Regimento da Assembleia da República, apresento a V. Ex.^a a renúncia ao meu mandato.

Com os melhores cumprimentos

O Deputado do PSD, *Amândio Aves de Azevedo*

O Sr. Presidente: — Srs. Deputados, como V. Ex.^{as} sabem, vamos receber o Sr. Presidente da República da França, pelo que interrompo os trabalhos, que recommençarão às 16 horas e 20 minutos.

Eram 15 horas e 26 minutos

Às 17 horas entrou na Sala das Sessões o cortejo em que se integravam o Sr. Presidente da República Francesa (François Mitterrand), o Sr. Presidente da República Portuguesa, o Sr. Presidente da Assembleia da República, o Sr. Ministro de Estado e da Administração Interna, os Srs. Secretários da Mesa, representantes dos grupos parlamentares, os membros da comitiva do Sr. Presidente da República Francesa, a Sr.^a Secretária-Geral da Assembleia da República e o chefe do protocolo.

Nesse momento, a Assembleia e a assistência saudaram de pé o Sr. Presidente da República Francesa.

No hemiciclo, além do Governo, presente na respectiva bancada, em ontravam-se, entre outros, o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, os Chefes dos Estados-Maiores dos três ramos das Forças Armadas, o presidente do Conselho Nacional do Plano, o presidente da Assembleia Regional dos Açores, o Provedor de Justiça, o governador civil de Lisboa, o procurador-geral da República, o alto-comissário contra a Corrupção, o secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o presidente do Supremo Tribunal Militar, o Comandante naval do Continente, o comandante operacional da Força Aérea, o governador militar de Lisboa e os comandantes-gerais da Guarda Nacional Republicana, da Guarda Fiscal e da Polícia de Segurança Pública.

Outros membros do Governo, assim como o corpo diplomático, tomaram lugar nas respectivas tribunas.

Formada a Mesa, o Sr. Presidente da República Francesa ocupou o lugar à direita do Sr. Presidente da Assembleia, à esquerda de quem tomou lugar o Sr. Presidente da República, ficando ladeados pelos secretários da Mesa da Assembleia da República.

Aplausos gerais, de pé.

Entretanto, a banda da Guarda Nacional Republicana tocou os hinos da República Francesa e da República Portuguesa.

Srs. Deputados, está reaberta a sessão.

Eram 17 horas e 5 minutos.

O Sr. Presidente da Assembleia da República: — Sr. Presidente da República Francesa, Sr. Presidente da República de Portugal, Sr. Ministro de Estado, Sr. Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Srs. Membros do Governo, meus ilustres convidados, Srs. Deputados: Se o imperativo da função nos concede o direito, leito obrigação, de usar da palavra nesta solenidade, não é menos certo de que o fazemos com inextinguível prazer.

Assumimo-lo com tal entusiasmo que, sem nos darmos conta, ultrapassámos o temor de não abrangermos os contornos difusos da sua grandeza ou a linha do horizonte nimbado donde vem o apelo remoto das nossas raízes.

Exultando com a subida honra que nos seria dado viver, nesta hora e aqui, vencemos hesitações e receios para nos adiantarmos a escrever o que agora vos lemos.

É que este momento tem o vincado cunho dos factos que a História registará.

Nesta sala secular, plena de tradições, onde se inscrevem as coordenadas do pulsar quotidiano da nossa história, estamos fazendo «encontro».

Encontro de duas pátrias: encontro de parlamentares.

Encontro de duas pátrias, na distinta presença dos seus Presidentes, que, por sua vontade e para nossa satisfação e enlevo, quiseram escrever no historial do nosso Parlamento e no livro dos seus sucessos uma nova página, tão

profunda pelo seu significado político como fez pela nobreza dos intentos dos seus subscritores.

Por isso, Sr. Presidente da República Francesa, Sr. Presidente da República de Portugal, vos agradecemos muito comovidamente a aceitação gentil do convite que vos dirigimos para nos prodigalizarem estes momentos.

Fazemo-lo com redobrada emoção, quanto é certo que estamos acompanhados por todos quantos são a tradução mais viva da vontade colectiva do povo português, pela presença do Sr. Ministro de Estado, em representação de S. Ex.^a o Sr. Primeiro-Ministro, do Sr. Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, dos membros do Governo e demais titulares dos órgãos que lhe dão expressão e asseguram a sua vitalidade democrática.

Fazemos deste encontro o vértice dos sentimentos que nasceram da admiração e respeito mútuos, no relacionamento fecundo, que a amizade envolveu na terna suavidade com que se acarinha o que muito se estima.

Encontro de duas pátrias que, nas vicissitudes que os ventos torçaram nos cruzados caminhos dos seus percursos, sempre derivaram o rasto de prodigiosas mensagens que constituem e são parcelas, das mais ricas, do património de cada uma, da Europa a que pertencemos, da humanidade que vivemos.

Do entrosamento das suas vivências, que não conheceram limitações nem fronteiras, resultou um dos mais valiosos contributos na formação do «espírito europeu», que é ponto de convergência das dádivas preciosas de cada um dos povos e dos Estados que se inscrevem nesta Europa admirável.

Ela é sem dúvida a mais pequena das cinco partes do mundo, mas é também a mais bela, a mais fértil, sem solidões nem desertos; a mais culta, onde as artes e as humanidades ganharam um brilho que não tem paralelo.

Ela guarda como que um certo génio que ainda não existiu fora dos seus limites ou que, pelo menos, nunca se afastou muito deles e, por ele, nunca renunciou a inventar, a criar, porque possuída de uma perene inquietação de continuamente prosseguir na busca alucinante de uma cada vez maior liberdade e justiça.

No dobrar irreprimível dos tempos, esta Europa afadalgada medita em cada noite o relazer angustiado do dia seguinte, em novas formas, novos caminhos, novos projectos no tormento alucinante de prosseguir rompendo e abrindo os mistérios do desconhecido para que cada homem possa ser mais livre, mais responsável, mais cidadão. E a inteligência, fortalecida pela reflexão, afirma-se em novos avanços.

Enformados dessa cultura fomos ao Oriente e lá derivámos um padroado que é a afirmação consumada desse «espírito». andámos pelas Américas e de nós por lá ficou a consciência da emancipação dos povos e o despertar da formação de Estados, reinventamo-nos na África e por lá derivámos larga sementeira de lusitanidade que é também «espírito europeu».

Sulcámos os mares descobrindo terras novas, fundimo-nos com outras gentes, tornámo-nos universais.

Esta foi e é a nossa gesta.

Cumprimos o mar.

Lançámo-nos agora, como diria o poeta, a busca de uma nova Índia, que não existe no espaço, em naus construídas com aquilo de que se fazem os sonhos.

Percorremos agora outros caminhos pela força do mesmo espírito, à procura doutros horizontes, na afirmação, na conquista da nossa incontestável identidade.

Daí o incontido orgulho de ser português, de ser europeu.

Ele está plenamente justificado e pergaminhado pelo testemunho de um dos maiores expoentes do pensamento universal, e necessariamente francês, Victor Hugo, quando, a respeito da abolição da pena de morte, escreveu: «[...] vos, portugueses, não deixastes de ser navegantes intrepídicos. Outrora íeis à frente, no oceano; hoje, na verdade, proclamar princípios é mais belo que descobrir mundos. Por isso, eu clamo glória a Portugal.»

Porque proclamar princípios é também descobrir mundos, dizemos nós, sempre novos e insuspeitados, na esfera do pensamento, e porque são a força condutora da inteligência e da cultura dos povos, que haveríamos nós de dizer da formosa e respetada França?

Pátria da lucidez do pensamento, fulcro da inteligência da História, ponto de referência das culturas que se processam no nosso Mundo, a França ganhou o consagrado mérito de caminhar na primeira linha da defesa dos direitos do homem ao proclamar os princípios da liberdade, da fraternidade, da justiça, da solidariedade.

Ela goza do privilégio inefável de ser apetecida e amada. Os seus mérites, os seus santos, os seus heróis, os seus sábios, filósofos, pensadores e poetas fazem dela o coração propulsor do ritmo que condiciona, vivifica e fortalece os desejos de conquista das metas que a sua exaltante capacidade de rasgar futuros vai propiciando a todos quantos, com avidéz, recolhem o proveito do seu admirável esforço.

Pelo seu espírito, pela força centrífugadora do seu pensamento, as ideias se espilham pelo mundo para, num retorno à matriz, saírem de novo, cada vez mais ricas, mais nobres, mais sedutoras.

É perante V. Ex.^a Sr. Presidente da República Francesa, que, como ídolo e ser, como representante da admirável e gloriosa França, fazemos respeitosa vênua em homenagem sincera ao génio criador, ao povo francês.

Com ela vai também o nosso profundo sentimento de gratidão pelo nobre e delicado acolhimento que o vosso povo dispensa aos muitos milhares de portugueses que, pela dignidade do seu trabalho, são a natural extensão do Povo que somos e estão contribuindo para tornar mais sólidos os laços que unem as nossas duas pátrias.

Mas, se estes momentos são o encontro de duas pátrias, comprometidas agora na empresa comum da construção de uma Europa cada vez mais livre e mais justa, eles são também o encontro de parlamentares.

Sabemos quanto vos é grato, Sr. Presidente, envolver-vos da ambiência parlamentar. Foram muitos os anos de luta política vivida nas bancadas do seu nobre e prestigiado Parlamento. Uma marcada pela coerência, pela firmeza das convicções, pela palavra a um tempo austera e fácil, definindo as linhas da arquitectura de um pensamento político que lhe granjeou o respeito e a admiração dos seus pares e do esclarecido povo francês.

Tutorado sem desfalecimentos, deu V. Ex.^a testemunho do valor da firmeza de vontade, da finura de uma inteligência posta ao serviço da lucidez, de um idealismo que dos fracassos retira força nova para perseverar e ganhar a coragem necessária a voos mais altos.

E sem asas feridas subiu mais alto e voou mais longe.

Por isso o temos hoje aqui, como expressão, a mais subida, do povo francês. E se lembrámos os fulgores do seu mandato de deputado é porque sabemos como intensamente o viveu e quanto lhe é querida a instituição parlamentar. Quando lá é sede da democracia; quando ela dá testemunho da vontade do povo que representa; quando ela é expressão viva da liberdade, da isenção, da independência,

quando ela se compromete na solução dos problemas que o progresso e a promoção social impõem, sentimos que a justiça não anda longe e empolgamo-nos com o serviço que lhe prestamos.

A preciosa e desejada presença de V. Ex.^a entre nós é mais um estímulo à consciência do mandato que também nós possuímos para promover a justiça, para afirmar a liberdade, para realizar democracia.

É por tudo isto e tudo o mais que não soubemos dizer que, em nome do Parlamento de Portugal e no meu próprio nome, vos saudamos com a maior admiração e profundo respeito.

Aplausos gerais

O Sr. Presidente: — Tem a palavra S. Ex.^a o Sr. Presidente da República Francesa

Aplausos gerais, de pé

O Sr. Presidente da República Francesa (François Mitterrand): — Monsieur le Président de l'Assemblée de la République, de vous entendre parler de la France, comme vous l'avez fait, je me sentais plus honoré encore de prendre la parole devant votre Assemblée.

Après mes entretiens avec le Président Mário Soares, avec le Premier-Ministre, Monsieur Cavaco Silva, c'est à travers ces élus, c'est au peuple du Portugal que j'apporte ici le salut du peuple français et l'expression de son amitié fraternelle.

Mesdames et messieurs, nos deux peuples se connaissent pour s'être souvent croisés, au long de notre Histoire. Ils sont portés, l'un vers l'autre, par un courant de sympathie indéniable, qu'aucun conflit circonstanciel n'a jamais altéré.

Personnellement, je l'avoue, j'ai plaisir à me retrouver dans ce foyer de la démocratie qu'est une Assemblée Parlementaire. Et c'est la troisième fois que je suis ici dans ces lieux — la première, pour une rencontre de ce type; la deuxième, pour assister à l'investiture du nouveau Président de la République.

J'ai moi-même, vous l'avez rappelé, Monsieur le Président, pendant 35 ans siégé dans les assemblées de mon pays. C'est dire que je connais, comme vous-même, la grandeur et les servitudes de cette fonction. Et j'y ai acquis la conviction que le système représentatif et pluraliste n'est pas un accident de l'Histoire, mais l'aboutissement d'une évolution vers laquelle ont tendu les hommes épris de liberté.

C'est le seul régime, je le crois, qui conçoive le pouvoir comme fonction et non comme propriété, qui accepte les risques et les défis de l'alternance, qui favorise l'expression des contradictions et la conclusion des synthèses. L'actualité de tous les jours nous rappelle qu'il ne s'agit pas d'un luxe de privilégiés, mais d'une référence universelle et que bien des peuples, las des sauveurs qui se proposent, aspirent aux libertés du pluralisme. L'Histoire récente du Portugal, de ce point de vue, est un réconfort pour vos amis.

En France, nous avons suivi, avec passion, tous les événements que ont marqué votre peuple depuis bientôt une quinzaine d'années. Ils ont donné le signal d'autres événements, d'un mouvement qui a gagné d'autres pays, l'Europe du Sud, le Continent Latino-Américain. Et à mon sens, cette résurgence démocratique n'est pas le fruit du hasard: là où il y a des peuples courageux et des dirigeants volontaires, rien de ce qui s'éloigne de la démocratie est irréversible.

Certains d'entre vous, au temps de l'exile, ont du connaître des épreuves. Certains ont trouvé chez nous l'accueil qui leur était dû. Ils conduisent aujourd'hui, pour un grand nombre, les destinées du Portugal sur la voie du droit et de la liberté: il y a de quoi, mesdames et messieurs, garder confiance.

Ayant rétabli dans leur intégrité les valeurs démocratiques, le Portugal a regagné au sein de la famille européenne le rang que son histoire, sa culture, la volonté de son peuple lui confère de droit. Tandis que convenue de la nécessité pour l'Europe d'assurer la cohésion de ces peuples, la France de son côté a souhaité que le Communauté s'élargisse. Nous connaissons vos préoccupations, nous saluons vos efforts et les réussites de développement de votre économie, la modernisation de votre appareil de production.

Cela rend possible l'entreprise dans laquelle nous sommes liés: l'Europe est, désormais, notre horizon commun. Ceux qui, obnubilés par les difficultés immédiates et la lenteur apparente des progrès, parfois même les reclus, s'abandonnent à des considérations moroses sur la capacité des Européens à s'unir, manquent à mon avis de conscience historique et de sens de la durée. Ils oublient tout simplement d'où l'on vient. Ils oublient un passé pourtant proche — les hommes de ma génération en ont été les témoins et les acteurs — passé de divisions, de querelles, de guerres, de haines, de destructions. Au fond la paix et l'entente sont des idées neuves en Europe. Au moment où se constituaient, au XIX^{ème} siècle, les deux grands empires qui dominaient le monde, l'Europe exaltait ses identités nationales. Mais le génie de l'Europe réside précisément dans son aptitude à retourner les contraintes linguistiques, géographiques et autres comme autant de chances à faire valoir?

Qui fera un jour le bilan des retards que nous aurions subis si la Communauté n'avait pas existé? Sans union douanière combien de crises auraient dégénéré en protectionnismes fous? Quelle serait aujourd'hui la capacité de l'Europe à faire entendre sa voix dans les instances internationales? Ce n'est pas devant vous, mesdames et messieurs, les représentants d'un pays qui a longtemps souffert de l'isolement, que je vanterai les avantages des pays ouverts sur l'extérieur.

Clouonnée en petits marchés, l'Europe ne profiterait pas des économies d'échelles et ses entreprises n'ont pas encore atteint l'envergure utile que l'avenir déjà nous propose. Ses marchés financiers sont étroits à côté de ceux des États Unis d'Amérique et du Japon, alors qu'une part importante de l'épargne mondiale y trouve sa source. Tout ce qui est consacré à la recherche se dissipe et pourtant nous alimentons chez nos concurrents mondiaux le mouvement puissant de ceux qui cherchent, de ceux qui trouvent. Bref, je ne vais pas devant vous plaider l'évidence mais rappeler que, là où une volonté politique est absente, les forces sont inutilement et dramatiquement dilapidées.

Or, ces atouts existent. Vous l'avez dit, Monsieur le Président, excellentement. Ils sont le fruit d'une culture, d'une technique qui n'ont d'équivalents nulle part ailleurs. Des activités nouvelles, décentralisées, fondées sur des structures souples, riches en savoir faire s'offrent à nous. Elles exigent une capacité d'adaptation aux demandes du marché, une créativité, un sens du travail qui ne manquent certes pas aux européens, notamment à ceux du Sud dont vous êtes, comme et plus que nous. Rien, mesdames et messieurs, ne nous est interdit si nous en avons l'ambition.

L'Europe qui n'a plus le goût des aventures territoriales conserve celui des entreprises intellectuelles. Aiguillonnée par des multiples pressions extérieures, elle doit affronter les défis avec des idées fortes. Voyez le marché unique, celui qui entrera en vigueur en 1992: voilà un facteur essentiel de la reconquête que j'attends avec vous. Voilà un tremplin vers d'autres objectifs.

Au premier rang de ceux-ci figure la culture. Est-il tolérable par exemple que nos étudiants butent contre des réglementations nationales absurdes alors que le clerc du Moyen-Âge circulait librement de Cracovie à Padoue, de Louvain à Coimbra et n'avaient aucune peine à faire valoir ses titres? Le projet ERASMUS ne vise rien d'autre qu'à renouer avec cette tradition en mettant à son service les techniques modernes de communication. Comment être un véritable européen si l'on ne pratique pas couramment — vous le faites — plusieurs langues européennes, en plus de la langue maternelle? Et ceux qui n'ont pas ce moyen ou cette chance savent bien qu'il manque quelque chose d'important à leur capacité de comprendre et de construire. Et que dire des possibilités de diffusion et de partage de la culture que nous offre la télévision par satellite et bien d'autres moyens encore que je ne citerais pas cet après-midi? Mais il ne sert à rien de dresser la culture européenne contre tel ou tel impérialisme extérieur — ce n'est pas mon propos. À quoi cela servirait-il?

Puisque je parlais des étudiants de nos pays, je souhaiterais qu'ils trouvent dans les Universités européennes la consécration de ce qu'ils sont tentés d'aller chercher outre Atlantique. Croyez-moi, quand ce jour sera arrivé nous entrerons dans une nouvelle renaissance.

Monsieur le Président, Mesdames et Messieurs les Parlementaires. Je ne pourrais terminer autrement qu'en vous disant ma joie de voir le Portugal, une de nos plus anciennes nations d'Europe, une de celles qui ont le plus contribué à porter au delà des océans le génie de la culture, associé pleinement, avec détermination et ferveur à cette oeuvre qui, si elle aboutit où nous voulons la conduire, justifiera, je crois, notre existence et notre rôle aux yeux des générations futures. L'édification d'une Europe libre, espérons prospère, en tout cas solidaire, en tout cas pacifique.

Je n'aurai garde, enfin, d'oublier que, dans la cohorte des femmes et des hommes, glorieux ou anonymes, que font l'Europe au quotidien, il y a ces communautés qualifiées aujourd'hui d'émigrés et dont on dira demain qu'ils préfiguraient, par leur capacité à s'insérer dans un autre environnement, l'homme européen nouveau. Cet hommage va particulièrement aux huit cents cinquante mille portugais de France, auxquels j'adresse, devant vous et par votre entremise, mon plus amical salut.

Monsieur le Président de la République, vous avez bien voulu être des nôtres en cet après-midi et dans cette Assemblée, à cette tribune que vous avez vous-même illustrée. Je veux joindre ma voix à celle du Président de l'Assemblée de la République pour me réjouir de vous revoir ici.

Je n'en dirai pas d'avantage sinon pour rappeler, comme je l'ai fait hier soir, que nous nous sommes connus à l'heure de l'épreuve et que j'ai eu cette chance, parfois renouvelée, de connaître ce que pouvaient être le courage et l'obstination, la confiance inaltérable de ceux qui, tel que Mario Soares, avaient foi dans les destinées de leur patrie indissociable à leurs yeux de la démocratie. Cela fait partie des rencontres et des amitiés qui honoreront ma vie politique et ma vie personnelle. Comment ne pas le dire en cet endroit, en cet instant, Monsieur le Président, et je me retourne vers vous maintenant.

Vous dirigez cette Assemblée Parlementaire. Je me souviens d'avoir vécu des moments intenses moi-même parfois aussi des déceptions. C'est difficile que de vivre, représentant toutes les nuances d'une opinion, c'est difficile mais cela aussi signifie un grand devoir et parfois une grande joie lorsque — et cela survient de temps à autre — l'or a le sentiment, tous ensemble, quelque fraction que l'on représente, de pouvoir, dans des moments bénis de l'Histoire, représenter tous ensemble la vie et l'espoir d'un peuple. Je crois que, dans la vie individuelle d'un parlementaire, la chance de vivre ces instants-là suffit, je reprendrai le terme employé tout à l'heure, pour justifier une existence. C'est vers vous que je me tourne pour vous crier le témoignage qui est le mien, au terme d'une vie vécue de cette façon. Quand par un hasard du destin, j'ai dû quitter le Parlement — cela ne sera pas un jeu de mots ou un jeu d'esprit — j'éprouvais, en même temps que l'orgueil légitime d'accéder à la fonction suprême de mon pays — la France —, une sorte de regret aussi de perdre cette chance de dialogue, de débat, d'amitié que l'on se crée, du sens aussi de l'Histoire que l'on bâtit dans les assemblées du peuple comme celle-ci.

Vous m'avez reçu en termes élégants, eux-mêmes nourris d'une profonde culture. Je connais votre personne, Monsieur le Président. Le fait que ce soit vous qui ayez reçu charge de recevoir ici le Président de la République Française n'est pas le moindre des agréments, des avantages, des joies qui signifie pour moi cet après-midi en compagnie des parlementaires de la République Portugaise.

Merci.

Aplausos gerais, de pé

O Sr. Presidente: -- Srs. Deputados, declaro encerrada a sessão.

Entretanto, a banda da Guarda Nacional Republicana tocou de novo os hinos da República Francesa e da República Portuguesa

Aplausos gerais, de pé

Realizou-se então o cortejo de saída, composto pelas mesmas individualidades da entrada

Eram 17 horas e 40 minutos

Faltaram à sessão os seguintes Srs. Deputados

Partido Social-Democrata (PPD/PSD):

Amélia Cava eiro Andrade Azevedo.
Francisco Mendes Costa
João Domingos Abreu Salgado.
João José Pedreira de Matos.
José Assunção Marques
Manuel da Costa Andrade.
Mário Júlio Montalvão Machado.
Mário da Silva Coutinho Albuquerque.

Partido Socialista (PS):

António Domingues Azevedo
Jaime José Matos da Gama
Jorge Fernando Branco Sampaio.
José Luís do Amaral Nunes
José Manuel Lello Ribeiro de Almeida
Júlio Francisco Miranda Calha.

Leonel de Sousa Fadigas
Raul Fernando Sousela da Costa Brito
Ricardo Manuel Rodrigues de Barros

Partido Renovador Democrático (PRD).

António Maria Paulouro.
Arménio Ramos de Carvalho
João Barros Madeira
José Caeiro Passinhas
José Luís Correia de Azevedo
Maria da Glória Padrão Carvalho
Roberto de Sousa Rocha Amaral
Tiago Gameiro Rodrigues Bastos

Partido Comunista Português (PCP)

António Vidigal Amaro
João António Gonçalves do Amaral
João Carlos Abrantes.

José Manuel Antunes Mendes
Zita Maria de Seabra Roseiro

Centro Democrático Social (CDS):

Carlos José Machado L. Pereira
Henrique Manuel Soares Cruz.
Hernâni Torres Moutinho
João da Silva Mendes Morgado.
Joaquim Rocha dos Santos
José Augusto Gama.
José Miguel Nunes Anacoreta Correia.
José Vieira de Carvalho
Manuel Eugénio Cavaleiro Brandão.
Narana Sinai Coissoró.

Movimento Democrático Português (MDP/CDE)

João Manuel Caniço Seça Neves

A REDACÇÃO, *Ana Maria Marques da Cruz*

PREÇO DESTE NÚMERO 32\$00

Deposito legal n.º 8818/85

IMPRIMTA NACIONAL CASA DA MOEDA, L. P.